

CENTRO DE MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE MIGUEL CALMON: UMA REFLEXÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

SILVANA PEREIRA DA SILVA*

TASSILA OLIVEIRA RAMOS**

RITA DE CÁSSIA MACHADO***

INTRODUÇÃO

Com o avanço da área da tecnologia da informação e comunicação, as instituições passaram a reunir documentação de variada natureza, gênero, formato, espécie e tipologia para compor acervos com maior abrangência. No bojo dessas transformações surgem «instituições de memória» ou «lugares de memória» compostos de acervos híbridos, ou seja, acervos com diferentes linguagens e gêneros documentais, sendo um grande desafio elaborar pontes entre essas diferentes linguagens e gêneros presentes nas instituições, as quais são as suas informações de memória.

No contexto de transformações econômicas, culturais e sociais produzidas pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação e principalmente pelo surgimento e popularização da *internet*, as plataformas digitais tornam-se objeto paradigmático nas formas de comunicação e difusão da memória. Como hipótese para esta pesquisa, vislumbra-se que as «instituições de memória» ou os «lugares de memória» devem produzir novas práticas e maneiras de lidar com as formas contemporâneas de armazenamento, gestão e difusão das informações históricas e culturais a partir de acervos híbridos, com múltiplas linguagens como elemento estruturante de seu fazer.

A necessidade de reunir, preservar e difundir a memória do município de Miguel Calmon, no estado da Bahia, levou à motivação de realizar um estudo sobre centros de memória, devido à escassez de material que pudesse ser utilizado como fonte para implantação do centro, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa como caminho para desenvolver este estudo de caráter descritivo e exploratório, recorrendo também à pesquisa bibliográfica, onde se buscou obras como livros e artigos científicos que versam

* Interativa Design & Editorial; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8246-9384>; Email: silvana.interativa@gmail.com.

** Universidade Federal da Bahia (UFBA). Instituto Federal da Bahia (IFBA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4159-6333>; Email: tassilaramos@gmail.com.

*** Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7574-3851>; Email: ritamcsil75@gmail.com.

sobre lugares de memória, instituições de memória, memória institucional, centro de memória e a história do município de Miguel Calmon.

O principal objetivo deste estudo é refletir sobre a teoria e os métodos necessários para implementar um centro de memória no município de Miguel Calmon.

Os objetivos específicos traçados para este trabalho são:

1. Identificar definições e conceitos sobre o centro de memória;
2. Oferecer subsídios norteadores necessários para montagem do centro de memória;
3. Orientar a seleção de documentos que comporão o acervo;
4. Difundir a memória do município.

Procurou-se subsidiar o que vem a ser um centro de memória e o que é necessário para sua implantação, com o intuito de preservar e difundir quase 100 anos de história e memória desse importante município.

Este estudo buscou fornecer subsídios sobre o conceito e os requisitos para a implantação de um centro de memória, visando a preservação e disseminação da história e memória de quase 100 anos desse município tão significativo.

1. MUNICÍPIO MIGUEL CALMON: BREVE HISTÓRICO

O município de Miguel Calmon, localiza-se na Chapada Norte, a 368 km de Salvador, no estado da Bahia, com uma população estimada em aproximadamente 26 mil habitantes (IBGE [2022]). A Figura 1 mostra a localização do Município Miguel Calmon, situando quanto ao país e estado ao qual pertence.



Fig.1. Mapa de localização do Município de Miguel Calmon na América do Sul
Fonte: Adaptado de Google imagens¹

¹ Oliveira, M., 2020. *Mapa da América do sul* [Em linha]. TudoGeo [consult. 2023-11-20]. Disponível em: <https://www.tudogeo.com.br/2020/08/18/mapa-da-america-do-sul-em-preto-e-branco/>. PrePara Enem, [s.d.]. *Geografia. Mapa do Brasil* [Em linha]. Rede Omnia [consult. 2023-11-20]. Disponível em: <https://www.preparaenem.com/geografia/mapa-do-brasil.htm>. Mapas para Colorir. *Mapa da Bahia com municípios* [Em linha] [consult. 2023-11-20]. Disponível em: <https://www.mapasparacolorir.com.br/mapa-estado-bahia.php>. *Município Miguel Calmon* [Em linha] [consult. 2023-11-20]. Disponível em: <https://achacep.com.br/itapura-miguel-calmon/c>.

Inicialmente seus primeiros habitantes foram os índios Payayas, grupo dos Cariris, conforme pode ser visto nas Figuras 2 e 3.

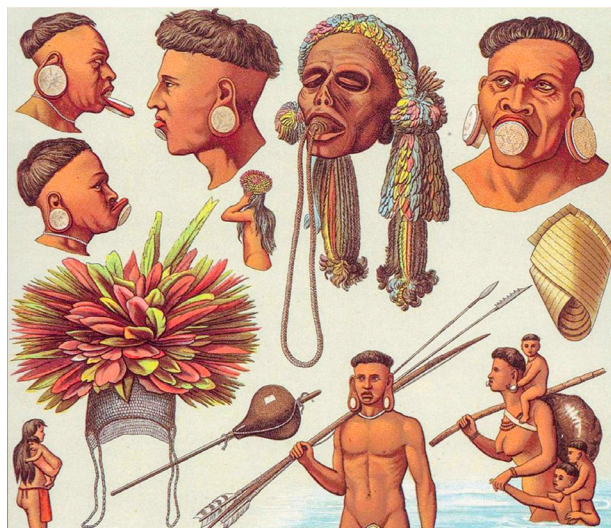


Fig. 2. Povos indígenas Payayazes
Fonte: *A História dos Índios Payayas* (2017)²



Fig. 3. Cacique Juvenal Payayá³
Fonte: *Cacique Juvenal Payayá* (2020)⁴

Miguel Calmon inicia sua história enquanto município na Fazenda Canabrava adquirida através de sesmaria entre o fim do século XVIII e início do século XIX de «propriedade da condessa Maria Saldanha Oliveira e Souza Constança, esposa de João Saldanha da Gama de Melo Torres de Brito, o Conde da Ponte. O seu primeiro dono foi o mestre-de campo e desbravador de terras, sogro do já mencionado Conde da Ponte» (IBGE 2022).

² *A História dos Índios Payayas*, 2017. Facebook, [consult. 2023-11-20]. Disponível em: https://www.facebook.com/indiosPayayas/?locale=pt_BR.

³ Registrado como Juvenal Teodoro da Silva para a sociedade civil brasileira em 4 de outubro de 1945, e como cacique Juvenal Payayá para a sociedade indígena. O cacique, nasceu em Maracaiá, nome indígena que em tupi significa «gato pintado», uma aldeia isolada (Santos 2016). «O “Maracaiá”, aldeia quando nasci, era distrito do Morro do Chapéu, depois Miguel Calmon, depois Várzea Nova; Cabeceira do Rio onde fui concebido e criado, hoje é Utinga, mas já foi Morro do Chapéu, e assim por diante. Portanto, resolvi simplificar as coisas e digo para todos que sou chapadeiro, sou um cidadão nascido na Chapada Diamantina e pronto.» (Payayá 2013 *apud* Santos 2016, p. 22).

⁴ *Cacique Juvenal Payayá*, 2020 [Em linha]. Facebook [consult. 2023-11-20]. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=373399788317234&set=pb.100069416462365.-2207520000>.

Em 2 de julho de 1810 a fazenda Canabrava foi vendida para o Sr. João Correia de Miranda. Por volta de 1812, as terras passaram a ser povoadas pelas famílias Valois Coutinho e Marcelino Miranda. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2022) essas famílias aproveitaram a boa qualidade das terras e começaram a cultivar milho, feijão, mandioca, café e posteriormente cana-de açúcar. E por ser uma região propícia à criação de gado, iniciaram também grandes pastagens nas terras. Assim foram surgindo os primeiros povoadamentos do atual município.

Com o tempo, os tropeiros e mascates criaram a feira livre, próximo a um pé de jenipapo da Praça Canabrava, iniciando assim o comércio local bem desenvolvido. Em 1855, a fazenda transformou-se em um povoado, sendo elevada a distrito pelo decreto de 7 de janeiro de 1897. O arraial de Canabrava pertencia ao município de Jacobina. No dia 6 de agosto de 1924, Canabrava foi elevada à categoria de Vila, desmembrando-se de Jacobina, recebendo o nome de Miguel Calmon.

O município foi elevado à categoria de cidade pelo decreto n.º 311, de 2 de março de 1938, no governo do General Antônio Dantas. Atualmente, o município Miguel Calmon é composto pelos distritos de Itapura e Tapiranga e mais 67 povoados, sendo os mais importantes e desenvolvidos o de Brejo Grande e Palmeiras.

Localizada na mesorregião Centro Norte baiano e na microrregião de Jacobina, Miguel Calmon chama atenção pelas belezas naturais (fauna e flora) de estudiosos, aventureiros e amantes da natureza, que desfrutam das bacias hidrográficas, cachoeiras e serras espalhadas pela região.

O município de Miguel Calmon ao longo do tempo da sua existência deve ter acumulado uma quantidade expressiva de documentos administrativos e históricos produzidos e recebidos, estes de grande relevância histórica para o Estado da Bahia. A exemplo dos documentos que registraram a passagem na época do cangaço do cangaceiro Corisco conhecido como um dos componentes do bando de Lampião entre o período de (1907-1940) como mostra a Figura 4.



Fig. 4. Cristino Gomes da Silva Cleto (Corisco)
Fonte: *Blog Cariri Cangaco*⁵

O Cangaco foi um movimento social ocorrido no nordeste do Brasil nos séculos XIX e XX. Nele, os cangaceiros demonstravam a insatisfação pelas condições precárias em que a maioria da população nordestina se encontrava, uma vez que o poder estava concentrado nas mãos dos fazendeiros.

Os cangaceiros eram grupos de nômades armados que viviam em bandos. O termo «cangaco» foi escolhido, porque a palavra deriva de canga, peça de madeira utilizada na cabeça do gado para fins de transporte. Nesse sentido, se eles eram nômades, carregavam durante suas caminhadas muitos pertences.

Corisco morreu em 1940, após ser surpreendido pelo tenente da polícia Zé Rufino. Dadá, sua esposa, fazia a guarda do marido, quando foram surpreendidos. Ambos correram, mas ela levou um tiro no pé, que ficou pendurado, a mesma, com uma faca, cortou

⁵ Severo. M., 2013. Caravana Cariri Cangaco visita a Fazenda Patos. Em: *Blog Cariri Cangaco* [Em linha]. Blogspot [consult- 2023-11-20]. Disponível em: <http://cariricangaco.blogspot.com/2013/08/caravana-cariri-cangaco-visita-fazenda.html>.

o pé, enquanto Corisco fora atingido na barriga, conforme conta sua neta, Indaiá, na reportagem do Correio (Suzart 2022).

Corisco acabou enterrado no município de Miguel Calmon na Bahia como mostra a Figura 5, menos sua cabeça, que foi para o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, em Salvador-Bahia como mostra a Figura 6.



Fig. 5. Indaiá, neta de Corisco, Dadá, esposa de Corisco e o prefeito de Miguel Calmon, Antônio da Silva Fonseca (gestão 1938-1943), na sepultura de Corisco
Fonte: Suzart (2022)

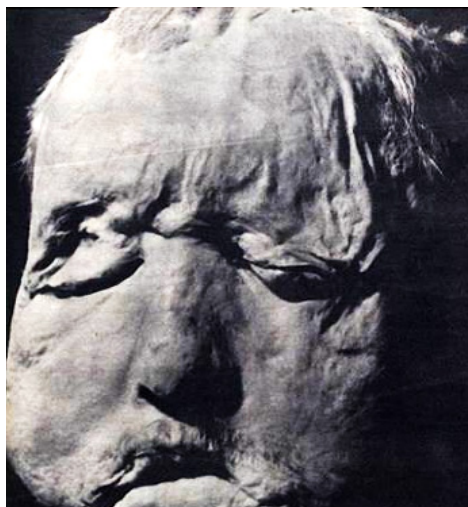


Fig. 6. Cabeça do cangaceiro Corisco
Fonte: *Blog do Mendes & Mendes* (2020)⁶

⁶ A Cabeça de Corisco e o Fenômeno da “Saponificação”... (3 de fev. de 2020). Em: *Blog do Mendes & Mendes* [Em linha]. Blogspot, [consult. 2023-11-20]. Disponível em: <http://blogdomendesemendes.blogspot.com/2020/02/a-cabeça-de-corisco-e-o-fenomeno-da.html>.

Portanto, sabendo que documentos como esses que foram supracitados e outros tipos de registros estão dispersos, com o intuito de preservar e difundir quase 100 anos de história e memória desse importante município, pretende-se propor a criação de um centro de memória no município de Miguel Calmon.

2. CENTRO DE MEMÓRIA

Para evitar o esquecimento e garantir a preservação da memória, consagram-se «instituições-memória» expressão usada por Le Goff (2013) para designar instituições como arquivo, biblioteca e museu, ou «lugares de memória», expressão consagrada por Nora (1993), como papel de guardião dos registros e, conseqüentemente, da memória, e para isso são necessários diversos mecanismos de tratamento técnico de organização, sistema de recuperação da informação, preservação e difusão, aproximando assim a memória das tais «instituições memória» ou dos «lugares de memória».

A memória nas sociedades anteriores à contemporânea era uma memória viva, realizada, experiência internalizada. Entretanto ela vai progressivamente se transformando em uma memória que se dá fora das pessoas, fora da experiência. De ambientes de memória passa-se a lugares de memória. Que lugares de memória são esses? São espaços, coisas, pessoas, instituições, cerimônias, símbolos etc., que condensam memória. Ela não está mais difusa nas pessoas, mas sintetizada em plataformas precisas e limitadas, os lugares de memória (Nora apud Meneses 1992, p. 31).

Para Nora (1993), não há memória espontânea, e daí nascem os «lugares de memória», a exemplo dos tradicionais «lugares de memória» que são os arquivos, as bibliotecas, os museus, incluindo os novos lugares, como o centro de memória, objeto deste estudo.

Verifica-se na atualidade que têm sido discutidos modelos teóricos conceituais de interseção entre lugares tradicionais de memória, como arquivos, bibliotecas e museus, pois «havia uma separação, entre o bem cultural, o bem informacional e o bem documental» (Dodebei 2011, p. 2). Assim, deixava-se a cultura para os museus, a informação para a biblioteca e os documentos administrativos para os arquivos. Mas, quando começaram a surgir novos ambientes com outras representatividades informacionais a exemplo do centro de memória, sucedem os denominados «lugares de memória», de patrimônio, ou seja, «um pouco museus, um pouco arquivos, um pouco bibliotecas, um pouco espaços de lazer e encontros presenciais» (Dodebei 2011, p. 2).

Segundo o Itaú Cultural (2013) no Brasil os centros de memória (CMs) surgiram na década de 1970, quando algumas organizações perceberam a importância de resgatar

e organizar os principais pontos de sua história, ou seja, surgiram devido uma demanda por informação especializada sobre a memória e história das instituições.

Ainda segundo o Instituto Itaú Cultural (2013) foi no meio universitário que surgiram a maioria dos centros de memória brasileiros. «Inicialmente, eram das áreas de ciência e tecnologia, mas depois se difundiram na área de ciências humanas» (Instituto Itaú Cultural 2013, p. 12). Essa tendência não ficou só no meio acadêmico, as organizações e o terceiro setor também passaram a criar centros de memória.

O auge dos centros de memória brasileiros foi a partir dos anos 2000, quando um maior número de organizações começou a investir em memória e a surgir consultorias especializadas para esse tipo de trabalho, conforme aborda o Itaú Cultural (2013):

Alguns CMs institucionais importantes tiveram origem nas décadas de 1980 e 1990, mas ainda não faziam parte de um movimento significativo. Foi somente a partir dos anos 2000 que as organizações passaram a investir consistentemente em memória, contando com o apoio de consultorias especializadas. Desde então, os CMs têm se consolidado como espaços fundamentais, tendo como seus principais objetivos preservar documentos, atender a pesquisas internas e externas e gerar serviços e produtos relativos à trajetória das instituições (Instituto Itaú Cultural 2013, p. 12).

Constatando a existência desses espaços com o nome de centro de memória faz se necessário levantar seus conceitos, pois partimos de um pressuposto que se há um nome, há um significado.

Para o Itaú Cultural (2013), temos a seguinte definição:

O CM é uma área de uma instituição cujo objetivo é reunir, organizar, identificar, conservar e produzir conteúdo e disseminar a documentação histórica para os públicos interno e externo. Ecoando os valores das instituições, os CMs geram produtos e serviços, dialogando com o campo da gestão do conhecimento, da comunicação e da cultura organizacional (Instituto Itaú Cultural 2013, p. 12).

Para este autor o centro de memória é um departamento que além de reunir documentação histórica da instituição faz toda a gestão e disseminação dessa informação para públicos interno e externo, interagindo com as áreas da gestão do conhecimento, da comunicação e da cultura organizacional.

Para tanto, fomos em busca de demais conceitos e definições para melhor compreensão da temática e identificamos os estudos Camargo e Goulart (2015), para estas autoras os centros de memória são arquivos ampliados, pois acumulam além de documentos orgânicos, aos não orgânicos, são os acumulados artificialmente, bem como os

«fabricados», como por exemplo, uma linha do tempo, os depoimentos de história oral, entre outros.

Goulart (2022) complementa que os centros de memória como «arquivos ampliados» guardam documentos de gêneros distintos, o autor afirma que:

os centros de memória guardam documentos de matrizes distintas: os de arquivo, produzidos e acumulados para viabilizarem o cumprimento das funções organizacionais; os de biblioteca, produzidos em série para o mercado; e os de museu, artefatos que ganharam estatuto documental por simbolizarem algo para a cultura organizacional (Goulart 2022).

O fato de o centro de memória ter como característica o acervo híbrido composto por documentos do gênero arquivístico, bibliográfico e museológico, estamos diante de unidades de informação diferentes, por isso não pode tratar esses acervos como se tudo estivesse no mesmo plano de conhecimento e técnica. Os documentos arquivísticos devem ter tratamentos de acordo com a Arquivologia, os documentos bibliográficos de acordo com as técnicas da Biblioteconomia e a documentação museológica de acordo com as técnicas e práticas da Museologia.

É importante ressaltar que os novos «lugares de memória», como o centro de memória, impactados pelas tecnologias digitais, promovem o inter-relacionamento entre documentos de arquivo, biblioteca e museu e por isso não devem ser exclusivos de determinados conhecimentos técnicos, são necessários conhecimentos Multidisciplinares, Interdisciplinares e Transdisciplinares (MIT) e compartilhamento dos processos e sistemas. Um novo perfil da equipe de profissionais parece ser exigido.

Diante dos referenciais teóricos levantados e do entendimento sobre centro de memória, a criação de um centro de memória no Município de Miguel Calmon seria uma forma de aglutinar diversos documentos dispersos ou não, orgânicos e não orgânicos, em um único espaço, físico ou virtual que contasse a história do município, a memória dos atores que fazem parte desse município, configurando-se como um importante conjunto documental disponível para acesso e utilização.

3. A CRIAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE MIGUEL CALMON

Seguindo uma tendência, a demanda por espaços de memória integradores com acervos híbridos começou a surgir na sociedade e os municípios brasileiros vêm construindo espaços como centros de memória, alguns há décadas. Assim, a criação do centro de memória do município de Miguel Calmon pretende colocar o município no futuro com a

tarefa de preservar o passado e o presente «portadores de sentido e vida ética» (Camargo e Goulart 2015, p. 11).

A função desse espaço é coletar e selecionar fatos, pessoas e documentos que são memórias da cidade, e devem atender as populações tanto da sede quanto a rural. Cabe a este centro de memória preservar documentos significativos ao município, sob uma lógica que o represente, bem como coletar informações a partir de outros documentos, por meio de pesquisa em outros repositórios, como os arquivos, as bibliotecas, os museus, os acervos pessoais, entre outros e a partir daí, segundo Goulart (2022), «cumprir a atividade-fim dos centros de memória: disseminar informações confiáveis» para os vários segmentos do município.

Propõe-se, portanto, para um centro de memória do Município de Miguel Calmon, a composição inicial de um acervo digital de documentos e objetos, catalogados, descritos e digitalizados em um repositório customizado que atenda as normas das áreas da arquivologia, biblioteconomia e museologia, além de plataformas que exibam exposições. Com esse material, deve ser construída uma página na *web*, preferencialmente vinculada ao *site* da prefeitura municipal de Miguel Calmon, onde todos os interessados possam acessar informações sobre a história da cidade e utilizá-las para estudos, pesquisas, comprovações, decisões, entre outras necessidades.

Após este trabalho estar concluído e disponibilizado em meio digital, considera-se importante a criação de um espaço físico, visando atender àqueles que não tenham acesso à *Internet*. Esta segunda proposta é de cunho inclusiva, pois é necessário pensar nas pessoas da comunidade que não são alfabetizadas e por meio das tecnologias inclusivas poderem disseminar as informações para este público, assim como é imprescindível pensar nas pessoas que possuem algum tipo de deficiência, sendo ela visual, auditiva, e/ou motora tornando-se um projeto que abrange a toda comunidade.

A abordagem metodológica adotada para o desenvolvimento deste estudo é a qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, recorrendo-se ainda a pesquisa bibliográfica onde se buscou informações em obras como: livros, artigos científicos, que versam sobre lugares de memória, instituições de memória, memória institucional, centro de memória e a história do Município de Miguel Calmon.

Nesse sentido, algumas atividades devem ser previstas para seleção do acervo do centro de memória do município de Miguel Calmon como: identificar o patrimônio cultural e histórico material e imaterial; dominar a história do município; coletar relatos de moradores antigos, gestores, servidores públicos e membros da comunidade (histórias orais); pesquisar jornais locais relacionados com a cidade; coletar e catalogar/descrever fotos relacionadas a momentos importantes da cidade; digitalizar documentos; criação de canais de difusão.

Temos consciência que a seleção e apresentação dos acervos propostos para um centro de memória não são apenas técnicas e muito menos neutras, entretanto serão narrativas construídas baseadas em recortes individuais, coletivos e sociais, o que significa que outras análises podem ser verificadas a partir do acervo selecionado, bem como deve-se pensar formas de fazer com que os pesquisadores, visitantes do centro de memória construam suas próprias narrativas.

Toda empresa, instituição e os municípios ao longo de sua existência produzem vestígios, artefatos, os quais chamamos de documentos, esses documentos por sua vez são essenciais, pois testemunham eventos e a história do lugar ao longo do tempo. Os centros de memória quando bem-sucedidos podem propor políticas de preservação de documentos e memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas instituições públicas e privadas modernas desenvolveram centros de memória como forma de criar espaço para reflexões sobre o passado, presente e futuro. Tal iniciativa proporciona à comunidade local adquirir um sentido de pertencimento, identidade e enaltecimento das raízes, compreendendo que essas reflexões levam a uma melhor compreensão do presente e sua construção. O centro de memória deve estar socialmente conectado à comunidade, portanto, não se trata apenas de reunir uma coleção da história da cidade e sim proporcionar uma representatividade para o povo.

O Município de Miguel Calmon é uma região muito importante para a história da Bahia e possui documentos administrativos e históricos riquíssimos que comprovam fatos históricos da Bahia, como por exemplo, a passagem do cangaceiro Corisco, um dos componentes do bando de Lampião, possui sítios arqueológicos com pinturas rupestres encontradas na comunidade de Brejo Grande, além de suas belezas naturais compostas por cachoeiras, bacias hidrográficas, e serras espalhadas pela região. Observa-se assim a existência de documentos que são de natureza das áreas da biblioteca, arquivo e museu, e que comprovam a natureza interdisciplinar desta proposta.

Desta forma, a implementação de um centro memorial em Miguel Calmon corresponde ao desejo de criar um espaço para reflexões, pesquisa e exaltação da identidade local. Este espaço fornecerá informações relevantes que afetam o indivíduo em particular e a sociedade como um todo. Nesse sentido, realmente só valorizamos o que conhecemos, e somente a partir do momento em que somos colocados nesse contexto.

Como resultados, os calmonenses, como são conhecidos os habitantes da cidade do Município de Miguel Calmon, terão um espaço, podendo ser físico e/ou virtual para registros das suas memórias, as quais podem estar dispersas ou sem registros, bem como valorizar sua identidade e difundir para um maior número de pessoas a memória e história da cidade.

Este estudo alcançou seu objetivo ao passo que servirá de base para a concepção do Centro de Memória do município de Miguel Calmon ao permitir a identificação do conceito, da função e de características de um Centro de Memória de um município.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, A. M., e S. GOULART, 2015. *Centro de memória: uma proposta de definição*. São Paulo: Edições Sesc.
- DODEBEI, V., 2011. Cultura Digital: novo sentido e significado de documento para a memória social? *Data Grama Zero: Revista de Ciência da Informação* [Em linha]. Abr. 12(3), art. 01 [consult. 2023-11-23]. Disponível em: <https://bit.ly/3wKGptg>.
- GOULART, S., 2022. Crescendo e aprendendo. *Revista Comunicação Memória* [Em linha]. 6 [consult. 2023-11-23]. Disponível em: <https://revistacm.memoriadaeletricidade.com.br/post?id=164>.
- IBGE [INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA], 2022. *Catálogo*. [Em linha]. Bahia: IBGE [consult. 2023-11-23]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=35783>.
- IBGE [INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA], [2022]. *Miguel Calmon*. Brasil: IBGE [consult. 2023-11-20]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/miguel-calmon/panorama>.
- INSTITUTO ITAÚ CULTURAL, 2013. *Centros de memória: manual básico de implantação*. São Paulo: Instituto Itaú Cultural.
- LE GOFF, J., 2013. *História e memória*. 7.ª ed. Campinas: UNICAMP.
- MENESES, U. B. de, 1992. O patrimônio cultural entre o público e o privado. Em: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal da Cultura/Prefeitura do Município de São Paulo.
- NORA, P., 1993. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. Dez. 10, 7-28.
- SANTOS, F. S., 2016. *Juvenal Payayá e a Literatura de autoria Indígena no Brasil* [Em linha]. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia [consult. 2023-11-20]. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/26339/1/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Vers%20a3o%20Final.pdf>.
- SUZART, M., 2022. Neta de Corisco e Dadá vive em Cosme de Farias e costura apetrechos do cangaço. *Correio 24 horas* [Em linha]. Publicado em 16/10/2022. Salvador (Bahia-Brasil) [consult. 2023-11-24]. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/neta-de-corisco-e-dada-vive-em-cosme-de-farias-e-costura-apetrechos-do-cangaco/>.

